

As visões diferentes

LÉA CRISTINA

De um lado, a tese defendida pelo PSDB de que o acerto das contas públicas é básico para o êxito de qualquer política econômica; de outro, o fato de a sustentação política do presidente Itamar Franco estar sendo garantida via distribuição de recursos públicos. A gestão de Fernando Henrique Cardoso no Ministério da Fazenda começa em meio a esse conflito.

De resto, as idéias defendidas por Itamar até aqui combinam com a visão de grande parte do PSDB — intensificação dos processos de privatização e abertura comercial, manutenção da atual política para a dívida externa. No que se refere a política de rendas — regras para preços e salários — há gente no PSDB, como o economista André Lara Rezende, que defende a utilização de uma âncora cambial. Mas outros, como o próprio ministro, já se manifestaram contra qualquer tipo de choque.

O problema está mesmo na questão dos gastos do Governo: os técnicos do partido pregam corte de despesas, repasse de encargos para estados e municípios (já que as verbas, a Constituição já repassou), limpeza das dívidas entre empresas públicas e governos — enfim, um acerto generalizado de caixa. Sem isso, asseguram, não há como acabar com a inflação. Neste quadro, não é possível distribuir verbas para obter sustentação política.

Ou seja, o que preocupa o PSDB é que a carta branca que o presidente Itamar Presidente deu a Fernando Henrique não comece, com o passar do tempo,

a ganhar algum tipo de cor. E que sua tese básica para estabilizar a economia possa ser utilizada. Mais que isso:

— A gente consegue enquadrar o temperamento do presidente? — perguntava-se na sexta-feira um dirigente do partido, para quem o apoio político e a reação geral positiva ao novo ministro podem garantir a liberdade necessária à execução do programa que ele traçar.

Até porque, lembram economistas de fora do PSDB, a garantia de Itamar para que Fernando Henrique possa trabalhar como achar que deve é fundamental:

— Detalhes de política econômica neste momento nem são importantes. É preciso é que o novo ministro tenha apoio do presidente — diz Dionísio Carneiro, da PUC.

— Esta gestão tem um mal congênito na origem, porque o partido do novo ministro está ligado à proposta nítida de necessidade de um ajuste fiscal rígido, enquanto Itamar conta com o apoio político obtido através da distribuição de recursos da União. O jeito é tentar mudar este quadro — afirma Edward Amadeo, também da PUC.

Entre os técnicos do PSDB há quem, na pior das hipóteses, até já tenha pensado em como Fernando Henrique, apesar de amigo do presidente, poderia encontrar uma saída para a história. Mas seria uma saída radical:

— O ministro avisa: eu vou fazer o controle fiscal e pôr a casa em ordem. Na primeira que acontecer, se o presidente receber reclamação de que alguma verba não foi repassada e quiser cobrar este repasse, o ministro fica à vontade para dizer que prefere, então, sair do Governo.

27-4-93



Itamar, à esquerda, pode frear a austeridade proposta por Fernando Henrique